

DIÁLOGO ENTRE A PRAXIOLOGIA MOTRIZ E O ENSINO DO HANDEBOL
DIALOGUE BETWEEN MOTOR PRAXEOLOGY AND THE TEACHING OF HANDBALL
DIÁLOGO ENTRE LA PRAXIOLOGÍA MOTRIZ Y LA ENSEÑANZA DEL BALONMANO

Isabella Blanche Gonçalves Brasil
Colégio Pedro II – Campus Niterói-RJ-Brasil
isabellabgb@hotmail.com
Lílian Aparecida Ferreira
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Departamento de Educação Física - Campus Bauru-SP-Brasil
lilibau@fc.unesp.com.br

Fecha de Recepción: 01-03-2016

Fecha de Aceptación: 12-03-2018

Resumo

O objetivo desse artigo foi analisar o handebol com base em alguns conceitos da Praxiologia Motriz (PM), sinalizando possibilidades para o seu ensino em prol de empoderar o/a estudante de uma competência proficiente para jogar este esporte. Trata-se assim de um modo de olhar o esporte e ensiná-lo, superando modelos de ensino orientados exclusivamente pela repetição da técnica desvinculados das suas particularidades. A síntese teórica apresentou estratégias de ensino do handebol com base nos conceitos praxiológicos: ação motriz, cooperação-oposição simultâneas, comunicação praxica, rede de comunicação e contracomunicação, papel e subpapel.

Palavras-chaves: Handebol, Educação Física, Praxiologia Motriz.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar al balonmano tomando como base algunos conceptos de la Praxiología Motriz (PM), destacando algunas posibilidades para su enseñanza, orientadas hacia la preparación del estudiante con una competencia que le permita jugar a este deporte. Se trata así de un modo de analizar el deporte y de enseñarlo, superando modelos de enseñanza orientados exclusivamente desde la repetición de la técnica desvinculados de sus particularidades. La síntesis teórica presenta estrategias de enseñanza del balonmano con base en conceptos praxiológicos tales como: acción motriz, cooperación-oposición, comunicación praxica, red de comunicación y contracomunicación, rol y subrol sociomotor

Palabras clave: Balonmano, Educación Física, Praxiología Motriz.

Abstract

This article analyzed handball based on a few concepts from Motor Praxiology (PM); It also indicates how handball can be taught so as to aid students in developing the necessary set of skills to play it. The following research does so through a modern perspective which, different from traditional teaching models, is not oriented by the simple repetition of techniques. From the cited works and bibliography, the present study extracted and synthesized meaningful strategies for the teaching of handball based on the following praxiological concepts: motor action, simultaneous competition and cooperation, praxical communication, communication and counter-communication, role and sub role.

Keywords: Handball, Physical Education, Motor Praxiology.

Introdução

A Praxiologia Motriz (PM) apresenta uma classificação para os jogos/esportes baseados na lógica interna e externa, possibilitando redimensionar o ensino e aprendizagem dessas práticas, partindo das interações que ocorrem nas mesmas. A lógica interna corresponde à dinâmica que se estabelece no interior nos jogos/esportes, ou seja, as características específicas dessas situações motrizes, e estas vão determinar o modo como os jogadores podem atuar, enquanto a lógica externa refere-se ao entorno ou contexto das situações motrizes (Parlebas, 2008).

O conhecimento destes e de outros conceitos da PM como: o sistema de interações CAI, ação motriz, conduta motriz, papel e sub papel (rol e sub rol), etc, possibilita a construção de novos olhares para o esporte, sobretudo na estrutura e nas relações que se estabelecem na dinâmica do jogo, considerando principalmente a lógica interna.

Estabelecendo um diálogo com alguns conceitos da PM, o objetivo deste artigo foi analisar, tendo com base uma síntese teórica, sobre possibilidades para o ensino do handebol a fim de proporcionar ao estudante condições de se empoderar de uma competência proficiente para jogar handebol.

Pressupostos iniciais

A Educação Física conforme conceito da PM (Parlebas, 2008) é a “Pedagogia das Condutas Motrizes”. No Brasil ela está inserida na educação básica como componente curricular obrigatório, responsabilizando-se pela parcela do conhecimento da cultura relacionada ao corpo e ao movimento (Betti, 1992, 1994b; Bracht, 2010; Castellani Filho, 1991; González & Bracht, 2012; Soares et al., 1992).

Sob este ponto de vista, a Educação Física teria o propósito de mobilizar as experiências dos/as estudantes, buscando desenvolver uma competência esportiva que lhes fornecesse condições de se empoderar (Ferreira et al., 2016), ou seja, ao aprender a jogar eles/elas teriam condições de praticar este esporte nas várias situações em sua vida (escola, lazer, saúde).

Neste sentido, defendemos uma educação que contribua com o processo de empoderamento dos/as estudantes. Para Freire (1997), o empoderamento se caracteriza e se constrói nas relações humanas, na medida em que nos educamos pelo mundo e pelos outros seres. É na relação com os outros que ocorre a repressão, mas é através dela que também ocorre a libertação. Deste modo, podemos dizer que aqueles que possuem muito conhecimento do jogo têm maior poder sobre os que possuem menos conhecimento, manifestando mais autonomia ao jogarem. Já aqueles que possuem menos desse tipo de conhecimento podem motivar-se para desenvolvê-lo, ou podem amedrontar-se frente aos desafios impostos por essa carência. Os professores, nestes casos, tem papel significativo para possibilitar que estes desafios sejam transpostos, contribuindo para a construção da autonomia do/a estudante no jogo, empoderando-os/as deste conhecimento.

O termo empoderamento, de acordo com Baquero (2012, p.27), “[...] é um conceito múltiplo e complexo, e não apresenta ainda uma tradução fidedigna para a língua portuguesa”. Assim, utilizamos o termo ‘empoderamento’ como a busca pela emancipação das pessoas. Nesse contexto, ele é concebido como ação cultural para a libertação, consolidando-se em mobilizações direcionadas a um processo em que as pessoas ganham influência e controle sobre suas vidas e assim se tornam empoderadas.

Ribas (2010) aponta que no campo da pedagogia do esporte as metodologias de ensino dos jogos esportivos coletivos, para o cenário brasileiro, vêm aproximando ainda mais os espaços pedagógicos e as dinâmicas de ensino. Entendemos que os conceitos de PM, ao favorecerem uma melhor compreensão das dinâmicas e lógica interna de funcionamento dos esportes, poderiam nos ajudar nestas novas sistematizações metodológicas e organizações das práticas pedagógicas.

Alguns conceitos da Praxiologia Motriz

Na PM as situações motrizes são reconhecidas como um sistema, em que o participante interage de forma global com o entorno físico e com os outros possíveis protagonistas, materializando interações de cooperação ou oposição, ou ambos simultaneamente. Esta classificação das interações é indicada pela simbologia ‘CAI’, na qual, ‘C’ significa companheiros, ‘A’ significa adversário e ‘I’ significa incerteza do meio (Lavega-Burgués, 2008; Parlebas, 2008).

A combinação de fatores do CAI caracteriza as possibilidades de interações existentes nas situações motrizes de jogo/esporte, organizando-as em duas grandes categorias: a primeira delas engloba as situações motrizes em não são possíveis nenhuma interação, e são denominadas de psicomotrizes; já a segunda categoria é composta por situações que possibilitam interações entre os/as participantes, sendo chamadas de sociomotrizes. Tanto as situações sociomotrizes, como as psicomotrizes podem apresentar ou não a interação com a incerteza do meio (I), ou seja, existem situações motrizes em meio estável, nas quais, o ambiente não coloca qualquer incerteza ao/à praticante, como o handebol, a natação em piscinas, entre outras. Entretanto, existem situações motrizes em meio instável, implicando que o/a praticante tome decisões relacionadas ao meio antes de agir, havendo a necessidade de ‘ler’ constantemente o espaço de ação, processando e tomando decisões para adaptar-se a forma irregular e incerta do meio físico, como exemplo, as práticas de windsurf, surf, canoagem, entre outras (Lavega-Burgués, 2008; Parlebas, 2008).

As interações implicam em modos de agir/jogar, ou seja, na interação com o/a parceiro/a ocorre a cooperação e na interação com o/a adversário/a ocorre a oposição, podendo ocorrer de forma concomitante, em jogos de oposição-cooperação. Ribas (2014), partindo do olhar praxiológico, explica que nessas interações ocorre a comunicação práxica, uma rede de comunicação estabelecida na dinâmica de cooperação e oposição simultâneas, já que, as pessoas cooperam para opor-se ao/à adversário/a.

A partir da compreensão dessas interações é possível analisar a dinâmica dos jogos e esportes partindo de uma lógica interna que, de acordo com PM, compreende as ações motrizes manifestadas a partir das regras dos esportes, exigindo dos/as jogadores/as atuarem de determinado modo. Existe também a lógica externa que refere-se ao entorno dos jogos e esportes, ou seja, as relações do contexto, como por exemplo, a influência midiática, a motivação dos/as estudantes, o processo histórico, etc. (Parlebas, 2008), podendo interferir na lógica interna, como ocorreu com o voleibol na década de 1990, em que o apelo da transmissão televisiva influenciou na mudança de regras dessa modalidade (Azevedo, 2010).

As ações motrizes que caracterizam a lógica interna emergem do jogo a partir de seu regulamento, correspondendo todos os movimentos previstos pelas regras e normas de funcionamento, independente de seus/suas participantes. Diferente das ações motrizes, as subjetividades dos movimentos de cada pessoa manifestadas durante a prática de um esporte são denominadas de condutas motrizes, pois são formas de comunicações únicas, particular e pessoal. Assim, a ação motriz é recorrente e emerge da lógica interna do jogo (regras e normas), sendo materializada por condutas motrizes pessoais, carregada de história, intencionalidades, vontades, anseios, enfim, a expressão da individualidade do/a jogador/a (Parlebas, 1987; 2008).

Lagardera-Otero e Lavega-Burgués (2008), assim como Ribas (2010) explicam que o conceito de ação motriz tem um papel fundamental, pois estabelece a especificidade da PM. As ações motrizes manifestam-se como um sistema, no qual ocorre a interação entre os vários componentes, qualquer alteração nas características desses componentes modifica toda a dinâmica do sistema, mobilizando outra lógica interna. Assim, um jogo esportivo não esta entregue às subjetividades, ele se constitui de uma estrutura caracterizada pelo corpo de regras, que irá impor a atuação dos/as jogadores/as no jogo, ainda que cada um deles/as tenha um estilo próprio (conduta motriz) para manifestar suas ações motrizes.

De acordo com PM, a comunicação práxica é representada pelas interações motrizes essenciais que caracterizam a tarefa motriz circunscrita no jogo. Ela é evidenciada pela estratégia motriz dos participantes e pode ser direta quando se baseia em uma rede de comunicação (cooperação) e contracomunicação (oposição), ou indireta por meio dos gestemas e praxemas (Parlebas, 2008).

A rede de comunicação práxica presente na lógica interna ocorre a partir das regras do jogo/esporte e são materializadas nas condutas motrizes, a partir da decisão motriz, que é a escolha de como agir/atuar no jogo, compreendendo o papel desempenhado. Essa compreensão está relacionada a um papel e um subpapel (rol e sub rol) de possibilidades de ações que são esperadas nas possíveis situações de jogo (Parlebas, 2008).

A partir dos conceitos da PM, a seguir buscamos analisar o handebol, de modo a evidenciar possibilidades para o ensino deste esporte a fim de proporcionar ao/à estudante condições de se empoderar de uma competência proficiente para jogar handebol.

Compreendendo o handebol a partir da Praxiologia Motriz

O handebol é um jogo de oposição e cooperação simultâneas, ou seja, são duas equipes que se confrontam buscando a posse de bola através de movimentos específicos que são limitados pelas regras do jogo, as quais o caracterizam, fazendo dele um jogo único. Seu objetivo principal é fazer gols nas situações de ataque, e evitar que o adversário faça o mesmo interpondo-se com situações de defesa.

No jogo de handebol é possível caracterizar o comportamento dos/as participantes analisando suas estratégias de colaboração e oposição, partindo do entendimento da lógica interna do jogo. Neste caso, a comunicação motriz representa o fator mais importante de socialização, ou seja, mais importante que lançar a bola com técnica refinada à meta adversária é criar estratégias para chegar ao gol do/a adversário/a e defender-se, assim, é essencial considerar a comunicação práxica, que pode ser direta (comunicação e contracomunicação) ou indireta (gestema e praxema) (Parlebas, 2008; Ribas, 2010).

Nesse aspecto, comunicação práxica se refere à interação motriz essencial entre seus/suas jogadores/as, e, portanto, sua principal função é reduzir as incertezas entre os parceiros/as e ampliá-las entre os adversários/as. Hernandez-Moreno (1998) explica que as comunicações entre os/as jogadores/as é alterada de acordo com a evolução do entendimento do jogo, e quanto mais próximo de um jogo organizado menor a comunicação verbal e maior a comunicação através dos códigos gestêmicos e praxêmicos.

Num jogo de handebol menos organizado os/as participantes falam ou gritam, para se comunicarem, enquanto num jogo mais organizado a comunicação se modifica, com o uso de gestos combinados e reconhecidos pelos/as jogadores/as – como, por exemplo, pedir a bola levantando o braço no handebol, até a utilização dos praxemas, que correspondem à conduta motriz interpretada como um signo, se constituindo no próprio comportamento observável de um/a jogador/a, sua leitura corporal, como desmarques, arremessos, deslocamentos, passes, ações de defesa ou ataque, etc (Parlebas, 2001).

Para melhor entendimento da rede de comunicação práxica, a figura 1 apresenta um esquema das relações que ocorrem no jogo, ou seja, cada hexágono representa uma equipe com sete jogadores, que são representados pelos pequenos círculos, todos interligados por linhas contínuas, que representam todas as relações de cooperação, denominada de comunicação motriz. As setas com linhas tracejadas que apontam em ambas as direções, ligando as duas equipes, representam relações de oposição, ou contracomunicação motriz.

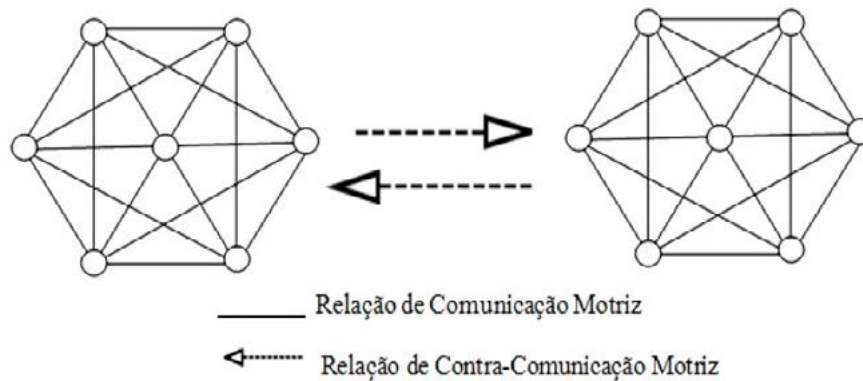


Figura 1. Rede de comunicação motriz do handebol (Adaptado de Parlebas, 2008, p.299).

Ao analisar o jogo de handebol à luz da PM é possível observar que a situação de cooperação-oposição está presente em todo momento, e assim, as ações motrizes são mediadas por essa relação, expressando ações técnico-táticas defensivas ou ofensivas. No caso do jogo de handebol é possível identificar as possíveis ações motrizes orientadas em relação aos papéis e subpapéis.

Para tanto, Ribas (2010) elencou e organizou possíveis ações a serem estimuladas no processo de ensino e de aprendizagem do handebol, ou seja, as possibilidades de decisões motrizes com base na lógica interna do jogo.

a) Jogador com a bola: colocar em jogo a bola, avançar com a bola, proteger a bola, passar a bola, lançar a gol, quicar e retê-la para passar o tempo, fintar, quicar e ocupar espaços (desmarcar-se), quicar e reduzir espaços (pressionar), colocar-se em posição de ataque, perder a bola, fazer falta ou violar a regra e receber falta.

b) Jogador sem a bola da equipe com a bola: avançar em direção ao ataque, ocupar uma posição no sistema, desmarcar-se, bloquear, fintar, ampliar espaços, reduzir espaços, ajudar a um companheiro, pedir a bola, receber a bola, dirigir o jogo, esperar, fazer falta ou violar a regra e receber falta.

c) Jogador da equipe sem a bola: retornar à defesa, ocupar uma posição no sistema, fintar, passar o tempo, reduzir espaços, ampliar espaços, antecipar-se, ajudar um companheiro, entrar ou carregar o adversário, interceptar ou desviar a bola, recuperar a bola, esperar, fazer falta e receber falta.

A partir dessa caracterização do handebol buscaremos refletir sobre o ensino do mesmo no âmbito escolar.

Ensino do handebol: inspirações praxiológicas

Ao considerarmos a lógica interna do handebol, não é indicado promover situações de jogos ou exercícios com interação somente de cooperação, pois no jogo de handebol a interação de oposição está sempre presente e, nesse caso, a cooperação ganha sentido pela oposição, ou seja, os/as companheiros/as cooperam para vencerem a oposição dos/as adversários/as. Isso significa que a ação motriz chamada passe, por exemplo, não poderá ser ensinada somente pela interação de cooperação, mas pelas diversas situações de interação que o jogo estabelece. Deve-se considerar também a oposição, na medida em que passar significa facilitar a bola para o/a meu/minha companheiro/a (mensagem clara) e, ao mesmo tempo, dificultar a interceptação do/a adversário/a (mensagem incerta) nos distintos espaços do jogo, utilizando passes laterais e em profundidade, curtos e longos, com a estratégia mais adequada a cada situação do jogo.

Para tanto é importante incentivar os/as estudantes a questionarem suas decisões motrizes, ou seja, a partir dos papéis o/a jogador/a que está com a bola deve se perguntar: O que posso fazer nesta situação? Qual orientação espacial tomar? Como manter a bola protegida? Quais possibilidades de movimentação (ação) são adequadas no momento: Passar, para quem? Driblar, em qual direção? Arremessar (finalizar)? A situação é favorável para a realização do arremesso? Como realizar o arremesso (sobre a barreira, espaço livre, etc.)?

Já quando o/a jogador/a está sem a bola, mas pertence à equipe do ataque (atacantes), pode se perguntar: Qual direção devo avançar? Qual posição ocupar? Qual movimentação realizar (desmarcar-se, bloquear, fintar, ampliar espaços, reduzir espaços, ajudar a um/a companheiro/a, pedir a bola, receber a bola, dirigir o jogo, esperar)? Porque (afastar da marcação, aproximar-se do/a atacante para receber, solicitar bola correndo em direção ao gol, acompanhar o contra-ataque).

Por fim, quando o/a jogador/a está sem a bola e pertence à equipe da defesa (defensores) algumas interrogações são importantes: Qual ação realizar frente o ataque do/a adversário/a? Retorno à defesa? Ocupo alguma posição no sistema defensivo? Vou reduzir espaços do/a adversário/a? Antecipar-me? Ajudar um/a companheiro/a? Carregar um/a adversário/a? Interceptar ou desviar a bola? Recuperar a bola? Esperar e fazer a falta? Responsabilizar-me pelo/a meu/minha atacante direto/a? Posicionar-me entre meu/minha atacante e o gol?

Desta forma, é possível caracterizar o comportamento dos/as participantes analisando suas estratégias de colaboração e oposição, bem como, o entendimento da lógica interna do jogo, nesse aspecto a comunicação entre os/as jogadores/as pode ser alterada de acordo com a evolução do entendimento do jogo, diminuindo a comunicação verbal, iniciando e aumentando a comunicação por códigos gestêmicos e praxêmicos (Hernandez-Moreno, 1998).

Para tanto, pode-se adaptar e construir estratégias para o desenvolvimento dessa comunicação, como por exemplo, realizar um jogo mudo, no qual os(as) jogadores(as) não podem ter comunicação verbal, incentivando-os(as) a comunicação gestual. Outro exemplo é a combinação de jogadas feitas previamente nas equipes, incentivando o exercício de diálogo e da comunicação. Outro exemplo é filmar o jogo e realizar a análise do mesmo, com um roteiro específico sobre a comunicação. A orientação do professor(a), quanto ao posicionamento, quanto as ações de antecipação e defesa durante o jogo, também corresponde a estratégia que visa incentivar e promover o jogo mais organizado, no qual a comunicação praxêmica é predominante.

Sendo assim, para ter um bom posicionamento na situação de ataque, com ou sem bola, deve-se observar a defesa adversária e o posicionamento dos/as companheiros/as, amparado por uma organização coletiva de jogo. Um exemplo disso é o engajamento, que ocorre em troca de passes e olhares, um/a colaborando com o/a outro/a até a infiltração e o ataque, buscando desenvolver a melhor alternativa coletiva. Assim, como em uma defesa na qual o/a goleiro/a recupera a bola e observa o/a jogador/a mais a frente em posição favorável ele/a passa a bola a este/a, que já entendeu o praxema, movimentando-se em direção ao gol, amparado de sua equipe que também se movimenta dando assistência ao ataque.

Na defesa é possível identificar as diferentes combinações e decisões que se pode tomar em função também do coletivo, como os bloqueios, interrupção do ataque na relação com o/a adversário/a (Ribas, 2010). Além da marcação direta, há a cobertura, a diminuição de espaços do ataque, antecipação de passes ou marcação individual sem deixar o/a adversário/a receber a bola.

As regras do esporte, ainda que coloquem limites, tendem a possibilitar ações que favoreçam a criação de estratégias e táticas, subordinadas aos princípios de jogo de handebol. Sendo assim, as capacidades de compreender e olhar o jogo, são fundamentais para obter êxito nessa prática. Para tanto, é necessário reconhecer para onde e o que se deve olhar e considerar. Por isso, os/as jogadores/as devem conhecer os princípios e os objetivos do jogo, a fim de solucionarem os problemas que ocorrem em situações concretas e que determinam as ações motrizes a serem utilizadas, e não o contrário. Neste caso, os princípios do jogo orientam e embasam as decisões estratégicas, as condutas táticas e as técnicas dos/as jogadores/as que agem sobre a realidade concreta (Knijnik, 2009).

No confronto (oposição) entre duas equipes que cooperam entre si, como é o caso do handebol, salientamos a importância de proporcionar situações de aprendizagens que enfatizem as interações como forma de comunicação. Nesse caso, tanto a cooperação-comunicação quanto à oposição-contracomunicação devem ser compreendidas e desenvolvidas em aulas, como, por exemplo, na situação de defesa. O conhecimento prévio das limitações defensivas do/a companheiro/a de equipe pode orientar o auxílio que será dado a este/a, antecipando a cobertura e interferindo na sequência da jogada, ou numa situação de ataque, na qual, pode-se realizar o passe sem olhar, sabendo o posicionamento do/a companheiro/a, ou então, realizar uma troca de posição sem provocar um desequilíbrio da defesa. Por isso, a interação de oposição encontrada no handebol não deve ser pensada desvinculada da cooperação e vice-versa.

É imprescindível considerar ainda que as atividades práticas sejam passíveis de adaptações e modificações conforme o grupo, mas sempre mantendo a lógica interna do handebol. Para a compreensão da lógica interna, das interações e principalmente dos papéis no jogo de handebol é preciso estabelecer um diálogo, visando à discussão, à orientação e à avaliação do que está sendo vivenciado no jogo, favorecendo a construção do conhecimento. Nessa perspectiva, poderão ser adaptados os elementos da estrutura do jogo: regras, materiais, número de jogadores/as parceiros/as e adversários/as, espaço, alvo e bola, mantendo sempre as interações de oposição e cooperação, garantindo a possibilidade de relação com o jogo formal de handebol.

Outra estratégia para a compreensão do jogo é propor que os/as estudantes desempenhem a função de árbitros/as, técnicos/as ou ainda como avaliadores/as dos colegas, para que todos/as da turma estejam envolvidos/as com o conteúdo proposto. Tal estratégia didática pode ser aproveitada para mostrar aos/as estudantes que as ações motrizes possíveis surgem das regras do jogo. Nesta condição de árbitros/as, os/as estudantes estarão atentos/as a este importante aspecto do jogo: as regras sendo colocadas em prática.

Os jogos desenvolvidos podem apresentar situações motrizes de forma adaptada ou reduzida, sempre mantendo a lógica interna do jogo de handebol. Entretanto, é preciso ter cuidado com as estruturas e dinâmicas de alguns jogos adaptados, pois, de acordo com Parlebas (2008), eles podem apresentar uma complexidade maior que o próprio handebol, bem como, uma lógica interna distinta do esporte que buscamos ensinar.

A partir dos instrumentos de análise da PM, a inserção destes conhecimentos pode enriquecer o processo de ensino do handebol, pois se antes as técnicas/fundamentos esportivos eram ensinadas desvinculadas das táticas, a PM nos mostra que não podemos desvincular estas ações umas das outras, e mais, os processos de interações (cooperação e oposição) são essenciais para desenvolvermos o empoderamento dos/as estudantes para jogar handebol.

Considerações finais

A PM nos ajuda a 'olhar' o handebol, de modo que possamos entender melhor sua lógica interna, conhecendo e entendendo as relações que ocorrem nas interações de cooperação e oposição do jogo.

Com esse novo olhar, podemos empreender um ensino do handebol pautado na compreensão, observando as possibilidades de ações que são permitidas a partir de suas regras, desenvolvendo uma 'leitura' do jogo por parte dos/as estudantes, para que estes entendam as relações de cooperação e oposição como relações de comunicação.

Nesse viés, a aprendizagem das técnicas/fundamentos do esporte passa a ter outro sentido, pois elas são ações motrizes imprescindíveis na comunicação prática do jogo, ou seja, são ações efetuadas a partir da leitura a análise do jogo frente às possibilidades de comunicação existentes.

Outra consideração possível é o reconhecimento dos tipos de interações existentes a partir do sistema CAI. Isso permite identificar facilmente os tipos de conhecimento a serem desenvolvidos, e assim, reconhecer a necessidade de diversificar os jogos/esportes desenvolvidos em aula.

Diante das considerações apresentadas, indicamos a necessidade do desenvolvimento de mais pesquisas, principalmente de intervenção sobre o ensino, não só do handebol, mas dos esportes orientados à luz da PM.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, C. F. (2010, setembro). O voleibol midiático: uma análise das reportagens a respeito da seleção masculina vinculadas na folha de São Paulo em julho e agosto de 2008. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS, Brasil, 32. Recuperado em 05 de janeiro de 2018 de: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0897-1.pdf>
- Baquero, R. V. A. (2012). Empoderamento: Instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. Revista Debates 6(1), 173-187. Recuperado de www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/26722/1709
- Betti, M. (1992). Ensino de 1º e 2º graus: Educação Física para quê? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 13(2), 282-287.
- Betti, M. (1994). Valores e finalidades na Educação Física escolar: Uma concepção sistêmica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 16(1), 14-21.
- Bracht, V. (2010). A Educação Física no ensino fundamental. Anais do I Seminário Nacional do Currículo em movimento – perspectivas atuais, Belo Horizonte. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasil, 1. Recuperado em 29 de outubro de 2014 do http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16110&Itemid=936
- Castellani-Filho, L. (1991). Educação física no Brasil: História que não se conta. Campinas: Papirus.
- Freire, P. (1997). Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa (24 ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- González, F. J. & Bracht, V. (2012). Metodologia dos esportes coletivos. Vitória: UFEJ, Núcleo de Educação Aberta e a Distância.
- Hernandez-Moreno, J. (1998). Análisis de las estructuras del juego deportivo (2.ed.). Barcelona: INDE Publicações.
- Knijnik, J. D. (2009). Handebol: Agôn: o espírito do esporte. São Paulo: Odysseus.
- Lagardera-Otero, F. & Lavega Burgués, P. (2008). Fundamentos da praxiologia motriz. In: Ribas, J. F. M. (org.). Jogos e esportes: Fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: editora da UFSM, pp. 45-79.
- Lavega-Burgués, P. (2008). Classificação dos jogos, esportes e as práticas motrizes. In: Ribas, J. F. M. (org.). Jogos e esportes: Fundamentos e reflexões da Praxiologia Motriz. Santa Maria: editora da UFSM, pp. 45-79.
- Parlebas, P. (1987). Perspectivas para una educación física moderna. Andalucía: Unisport Andalucía.
- Parlebas, P. (2008). Juego deporte y sociedad: Léxico de praxiologia motriz. Barcelona: Paidotribo.
- Ribas, J. F. M. (2010). Praxiologia motriz: Instrumentalizando a prática pedagógica para o ensino dos esportes coletivos. Motriz, 16(1), 240-250. Recuperado de http://congresoeducacionfisica.fahce.unlp.edu.ar/10o-ca-y-5o-l-efyc/actas-10-y-5/Eje2_MesaJ_Lovato.pdf
- Ribas, J. F. M. (2014). (org.). Praxiologia Motriz e voleibol: elementos para o trabalho pedagógico. Ijuí: Editora: Unijuí.
- Soares, C. L., Taffarel, C. N. Z., Varjal, E., Castellani-Filho, L., Escobar, M. O. & Bracht, V. (1992). Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez.